

# Consórcios vão na contramão da crise e registram alta de 9%

Divulgado pela Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac), o índice positivo abrange, principalmente, a venda de cotas para veículos e imóveis



Telma Elorza

31/05/2015 02:13



Em época de crise e de restrição de crédito para financiamentos em geral no Brasil, pelo menos um setor da economia comemora um bom desempenho. A venda de consórcios, principalmente de veículos e de imóveis, cresceu quase 9% no primeiro quadrimestre deste ano, segundo a Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac).

Só no setor de imóveis, o acumulado de vendas atingiu 65,5 mil novas cotas entre janeiro e abril deste ano, contra 54,7 mil no mesmo período de 2014, um crescimento de aproximadamente 20%. Já no setor de veículos leves, o aumento no mesmo período foi de 7,4%: 318 mil novas adesões contra 296 mil.

Em Londrina, o balanço da Consórcio União mostra um crescimento de 13% no número de cotas comercializadas, na comparação entre os primeiros quadrimestres de 2014 e de 2015. O maior índice se deu no segmento de imóveis: 19%. Na sequência, aparecem as cotas de automóveis (16%).

Segundo o gerente regional da Consórcio União, Carlo Alberto Garcia, de modo geral essa modalidade registrou um bom desempenho nos últimos anos, "mas neste [2015] estamos superando as metas em todos os meses". Somente a regional de Foz de Iguaçu quase dobrou o faturamento em relação à meta de abril. "Era para vender R\$ 4 milhões e atingimos a marca de R\$ 7,6 milhões."

Na avaliação de Garcia, a escassez de créditos, os juros altos e a restrição no limite de financiamento para imóveis usados ajudaram o mercado de consórcios. "Nossa expectativa para o ano foi revista para cima. Se não mudar nada na economia, acho que mais gente vai migrar para o consórcio em vez do financiamento."

O delegado do Conselho Regional de Economia (Corecon), Laércio Rodrigues de Oliveira, diz que se a restrição de crédito continuar, a tendência é aumentar a procura por consórcios de imóveis. "Hoje, dificilmente as pessoas têm R\$ 150 mil para dar entrada num imóvel de R\$ 300 mil. Mas podem ter uma carta de crédito."

A jornalista Andrea Novara Monclar, 53 anos, pagou a última parcela de um consórcio de sete anos de um automóvel neste mês. Ela preferiu quitar tudo antes de pegar a carta de crédito, porque via o consórcio como um investimento. "É uma forma de me obrigar a poupar. Se colocasse o dinheiro das parcelas na poupança poderia ter rendido o mesmo, mas a tentação de gastar é muito grande."